



dormindo com o inimigo



FENAJ CHILDHOOD
INSTITUTO WCF - BRASIA
UNICEF

O projeto que deu origem a esta reportagem foi o vencedor da categoria revista do Concurso Tim Lopes para Projetos de Investigação Jornalística, realizado pela Andi e pelo Instituto WCF Brasil, com o apoio da Fenaj e do Unicef.

KEEP AWAY FROM CHILDREN

O abuso sexual está bem mais perto do que você imagina. E a cada dia cresce o número de casos que acontecem dentro de casa.

ABUSO SEXUAL: VIOLÊNCIA PROVOCADA POR UM OU MAIS ADULTOS CONTRA CRIANÇA OU ADOLESCENTE, ENVOLVENDO ATO SEXUAL, SEDUTIVO OU CARIÓTIPO, COM O OBJETIVO DE ESTIMULAR A VÍTIMA E DE SATISFAZER AOS DESEJOS SEXUAIS DO ABUSADOR.

**TEXTO:: BIA SANT'ANNA ILUSTRAÇÕES:: FAROFA
FOTOS:: DEBBY GRAM E LUCIANA FIGUEIREDO**

Pense em dez amigos. Dá para imaginar que algum deles já foi vítima de abuso sexual? Pois provavelmente foram dois, e pelo menos um caso rolou dentro da casa da pessoa. Ninguém fala nada, mas a verdade é: esse problema atinge cerca de 20% da população.

No Brasil existem pouquíssimos dados sobre o assunto, e a maioria das pesquisas é baseada em estudos americanos. Porém, por aqui há um consenso entre os especialistas (e ele não é só uma suposição): agressões desse tipo acontecem a toda hora, em todos os lugares e de diferentes formas. Por isso não pense que os abusos (que podem ir desde uma carícia até casos graves de estupro) acontecem só nas camadas mais pobres da população. Isso é besteira. A diferença é que, quando há dinheiro envolvido, há também mais discriminação. E muito mais silêncio.

Acredita-se que menos de 10% das vítimas denunciem seus agressores. Muito provavelmente porque em cerca de 60% dos casos ele é alguém da própria família.

Isso também quer dizer que vai ser difícil você ficar sabendo se um daqueles seus amigos está mesmo passando ou já passou por isso. O que pode agravar ainda mais a história dessa pessoa. Porque não falar sobre o assunto, ou não denunciar o agressor, traz danos bem sérios à vítima. E quanto mais tempo demorar, mais aspectos de sua vida sexual e social serão afetados.

Além disso, nos casos em que o ato sexual é consumado, a vítima tem direitos garantidos por lei. Eles incluem contraceptivo de emergência, coquetel HIV e até aborto assistido. Mas o mais importante é saber que nesse crime não é preciso provas. Muitas vezes a palavra basta.

DISQUE DENÚNCIA 0800-990500

“Quando eu tinha 12 anos. meu primo, de 25,

se separou da mulher e foi morar em casa. Aí ele começou a vir pro meu lado, me seduzia, dizia que queria namorar comigo. Só que pediu pra eu não contar pra ninguém.

Logo ele já quis transar. Hoje eu lembro que nem sabia muito o que era aquilo, achava que era normal. Mas tudo era do jeito e na hora que ele queria.

Nós ficamos nessa durante mais de dois anos. Até que um dia eu engravidei. Ele me fez tomar uns remédios, disse que isso atrapalharia a vida dele. O problema foi que em vez de uma pílula ele me deu cinco, e eu quase morri. Foi horrível.

Minha mãe descobriu e tentou denunciá-lo. Ele desmentiu tudo, dizia que eu queria culpá-lo por uma coisa que outra pessoa tinha feito. Acho até que deve ter dado dinheiro na delegacia porque no B.O. não saiu que eu tinha sido abusada, só falava do aborto!

Eu entrei na maior depressão, me senti usada, porque na hora ele me fazia declarações, era superciumento.

Hoje é muito difícil eu confiar em alguém. **Nunca tive um namorado mesmo, depois disso.** Tive um, na verdade, mas durou só um mês. Quando rola um sentimento, eu já termino. Acho que tenho medo de gostar de alguém de novo.

Pelo menos, desde que comecei a ir numa psicóloga eu sou mais carinhosa com os outros. Antes eu nem conversava com ninguém, ficava o tempo todo calada, de cabeça baixa, não abraçava as pessoas, não beijava nem a minha mãe no rosto.

Acho que a melhor coisa para quem passa por isso é procurar ajuda logo. Não é legal você ficar guardando e ser cada vez mais abusada e usada. Além disso, tantos outros casos acontecem porque a primeira pessoa não colocou a boca no trombone. Não precisa contar para todo mundo, mas falar para alguém que você confia.”

N.C., 18 anos

NO BRASIL O ATO SEXUAL PRATICADO COM MENOR DE 14 ANOS PRESSUPÕE VIOLÊNCIA E É CONSIDERADO ESTUPRO.



N.C., 18 anos

O papel do adulto é impor limites, mesmo que ele alegue que a adolescente o seduziu, que ela sentiu prazer. Ela, na verdade, entra nesse jogo sexual sem consciência das consequências. “Você pode até achar que uma pessoa é adulta, mas ela não é competente para entender o que está acontecendo. E muitas vezes o abuso não é uma relação tão desagradável assim. As pessoas acham que no abuso tem que ter sempre o desprazer, não é isso, o abuso é a questão do não-consentimento, do mau uso do sexo”, explica o psiquiatra Claudio Cohen, da USP.



“A minha convivência com meu pai era ótima.

Ele sempre foi muito carinhoso, conversava bastante com a gente, me dava tudo o que eu queria. Tratava todo mundo bem. **Até que um dia, quando eu tinha 9 anos, ele me agarrou à força e me fez transar com ele.** Acho que estava bêbado. Foi só essa vez.


Saí de casa um pouco machucada e, como estava sozinha, fui na minha vizinha, pedir ajuda. **Depois minha mãe me levou em uma delegacia, e ele foi preso. Negou tudo,** disse que não lembrava de nada, que era mentira. Mas sei lá o que aconteceu. Ele não saiu mais da cadeia.

Já se passaram sete anos. É difícil superar. Mas acho que hoje, depois que comecei a fazer terapia, há um ano, sou uma pessoa normal, sim. Saio como todo mundo, tenho um namorado... A gente ainda não transou, mas não me sinto travada por causa dessa história. Só acho que não é a hora. Ele sabe de tudo, e disse que não se importa, que **eu não sou a única menina em Salvador que já foi abusada pelo pai.**

Mas durante um tempo já foi mais complicado: minha família mudou de casa, e eu tive até que mudar de escola uma vez. Alguém ficou sabendo e logo a notícia se espalhou. Me incomodava todo mundo vir perguntar como tinha sido e tal. Na verdade acho até que era mais curiosidade das pessoas do que qualquer outra coisa.

Eu tento sempre inventar umas coisas pra fazer, ocupo o meu tempo escrevendo poesias, porque é difícil ficar sem pensar nisso também. **Tem sempre um momento em que você sente culpa.** Mas eu, pelo menos, nunca senti raiva. Em fevereiro meu pai me ligou pedindo desculpas, pedindo para eu perdoá-lo. Eu disse que não perdoava, mas também falei que não odiava ele. Naquela madrugada, ele morreu. Parecia até que ele sabia que aquilo ia acontecer. Hoje só acho que é uma coisa que eu tenho que deixar pra trás.”

S.C., 16 anos



“ATÉ POUCO
TEMPO ATRÁS,
UMA MULHER
QUE ENTRASSE
NUM PS
DIZENDO QUE
TINHA SIDO
ESTUPRADA
RECEBIA UM
CALMANTE E
UM ANTIIN-
FLAMATÓRIO!”

JEFFERSON DREZETT

S.C., 16 anos

“É muito importante fazer um tratamento psicológico, mesmo que depois de algum tempo. Quanto mais se espera pra falar, maior o bloqueio, que cresce junto com o trauma”, afirma Graça Pizá, diretora da Clínica Psicanalítica da Violência (RJ). “Uma pessoa que não enfrenta isso tende a ser abusada de outras formas também, deixando as pessoas fazer ou falar coisas que não a agradam.”

Isso já aconteceu com você?

Em alguns casos a pessoa não sabe nem se está sendo abusada. Em outros não consegue distinguir a figura do pai da do abusador. Na dúvida, é melhor pedir ajuda.

Passar por uma situação de abuso certamente não é fácil. Na real, depois que a coisa acontece tudo fica uma merda. Além das seqüelas físicas, a pessoa se sente perdida, a auto-estima lá embaixo e a vida sexual uma incógnita. A coisa é muito mais complicada se você tem que acusar um pai, ou outra pessoa próxima, de um crime. Rola muita culpa. E é preciso muita coragem. O melhor é procurar alguém para conversar, seja um amigo, professor ou até um médico. Porque não vale a pena carregar um peso tão grande a vida toda só para não "incomodar" a família. E quem encara a história de frente costuma não se arrepender.

Terror na delegacia

Ainda acontece muito, sim, de a vítima de abuso passar por uma peregrinação pelos sistemas de saúde e judiciário. Nos casos mais graves, são revitimizadas e até humilhadas nas delegacias.

Felizmente esse quadro começa a ganhar nova perspectiva. Na tentativa de contornar a situação, ONGs e serviços governamentais do Brasil todo têm feito um trabalho de pequena, mas importante, escala na capacitação de policiais e delegados que atendem vítimas de abuso. "Nós tentamos mostrar para eles o lado da vítima, de como é difícil para ela estar ali, muitas vezes trazendo como prova apenas seu depoimento. E já tivemos alguns retornos bem interessantes", comemora Jacqueline Pitanguy, diretora da Cidadania, Estudo, Pesquisa, Informação e Ação (Cepia), ONG que atua no Rio de Janeiro.

Sedução x estupro

Assim, localmente, a questão do atendimento nos postos de saúde e hospitais também vem ganhando foco e espaço no cenário brasileiro. "É impressionante, mas há dez anos não existia preocupação devida a quem era estuprada ou passava por episódio de violência sexual", aponta o médico Jefferson Drezett, que em 1994 inaugurou esse trabalho no Brasil, no Hospital Pérola Byington, em São Paulo.



Depois que ela completou doze anos, o pai parou com o abuso mas se aproximou da irmã de novo.

O atendimento podia ser ainda mais complicado e negligente quando o abuso não apresentava provas físicas, como no caso de bulinações ou sedução de menores. “Essa ainda é uma área entupida de estereótipos. Quando a pessoa que sofria abuso não se encaixava no que se tinha como concepção de violência, era desacreditada”, continua Drezett.

Aborto previsto na lei

Tão importante quanto o conforto psicológico são os métodos contraceptivos de emergência (para evitar uma gravidez) e as profilaxias de DST e Aids (que diminuem bastante as chances de contrair alguma doença – os índices variam de 25% a 50%).

“Até pouco tempo atrás, uma mulher que entrasse num PS dizendo que tinha sido estuprada recebia um calmante e um antiinflamatório!”, aponta o médico. “Vale ressaltar que a contracepção de emergência não constitui um processo abortivo. Ela apenas previne, inclusive em até 98%, uma possível gravidez.”

Porém, nos casos em que a gestação ocorre, o aborto assistido é permitido por lei. Apoiado no artigo 128 do Código Penal, de 1940, e revalidado pela publicação da Norma Técnica do Ministério da Saúde, em 2000. Drezett aponta que o número de abortos assistidos realizados antes da Norma Técnica é quase insignificante, pois “os profissionais de saúde tinham medo de estar cometendo algum crime”. Hoje, a mulher só precisa ir ao hospital com um boletim de ocorrência e uma carta justificando o pedido para realizar a intervenção com segurança.

OLHE PARA OS LADOS

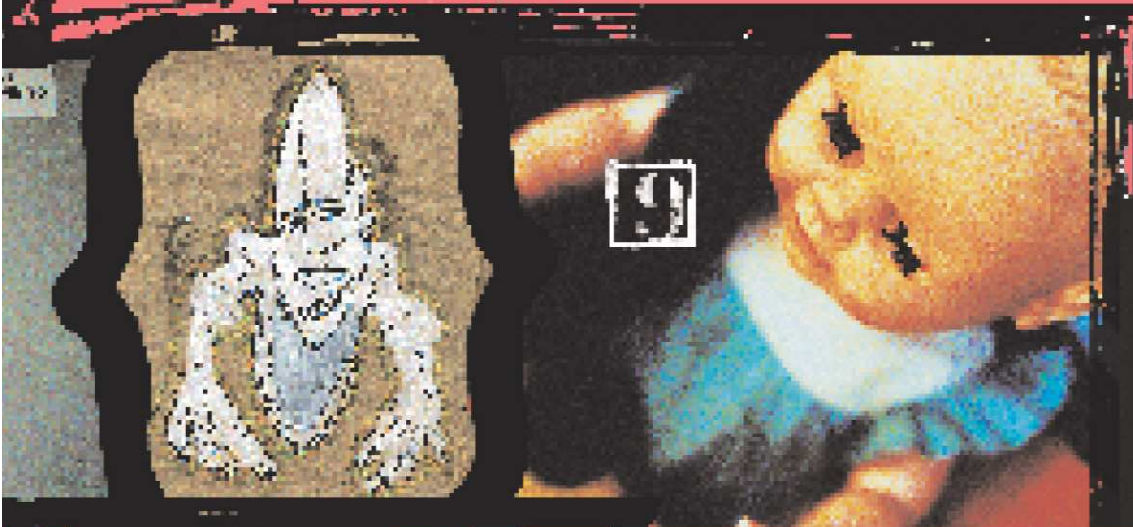
Algumas mudanças súbitas e inexplicáveis que jovens podem apresentar em situação de abuso sexual:

COMPORTAMENTAIS

- Distúrbios alimentares como anorexia, bulimia, obesidade.
- Distúrbios afetivos e de conduta.
- Sono perturbado (pesadelos freqüentes, medo do escuro, suores ou gritos).
- Qualquer interesse ou conhecimento súbito não usuais sobre questões sexuais (expressar gestos sexuais não usuais para a idade, brincadeiras sexuais persistentes com amigos, brinquedos, animais, ou quando se masturba compulsivamente).
- Medo ou aversão a uma certa pessoa.
- Comportamento agressivo, raiva extremada.
- Depressão, psicoses, tentativa de suicídio.
- Poucas relações com amigos.
- Evasão escolar, dificuldade de aprendizagem.
- Uso excessivo de drogas ou álcool.

FÍSICAS

- Hemorragia vaginal ou retal, dor ao urinar ou cólicas intestinais, genitais com prurido ou inchados ou secreção vaginal, evidência de infecções genitais.
- Dores e problemas físicos, tais como erupção na pele, vômitos e dores de cabeça sem qualquer explicação médica.
- Doenças sexualmente transmissíveis, infecção urinária crônica.



Os bonecos que aparecem nesta matéria são usados em sessões terapêuticas com crianças, que remontam no consultório as situações de abuso sexual que elas enfrentam em casa.

Você saberia reconhecer um agressor?

Provavelmente não. Esse criminoso, na maioria das vezes, leva uma vida tão “normal” quanto a da vítima.

Quem abusa de criança ou de adolescente dentro da própria família muitas vezes é visto como um monstro. E pode até ser, considerando as proporções do crime. Mas nem por isso deve ser tratado como tal. “Um pai que abusa de um filho não tem consciência de que aquilo é errado, ou pode até ter, mas normalmente não tem”, explica o psiquiatra Claudio Cohen, que nos casos de incesto substitui os conceitos de vítima e agressor pelo de “abuso intrafamiliar”, em que é a dinâmica da família que permite a existência da relação incestuosa.

Todo mundo no divã

Defensor do direito de tratamento psicológico não só para a pessoa abusada, mas também para seu abusador, Cohen, coordenador do Cearas, na USP, ainda é um dos precursores de uma proposta ousada: tratar todos juntos, incluam-se aí os irmãos e a mãe. “Nós descaracterizamos isso para tratá-los como família incestual, em que todos se relacionam com isso de alguma forma.”

Essa nova dinâmica dá vazão a um sistema judiciário um tanto antiquado, que começa agora a enxergar o agressor como uma pessoa doente (não só como criminoso) e até mesmo o discurso de uma vítima, por exemplo, como prova – não precisando necessariamente de provas físicas, muito difíceis nesses casos.

Só vale ressaltar que esse tipo de tratamento não exclui as sanções penais previstas por lei para o abusador.

“Pode ser qualquer um”

É claro que muita gente envolvida numa história de abuso se sente “apta” a julgar um agressor sexual socialmente. Principalmente se ele se enquadra naquele perfil estereotipado do bêbado-violento-drogado. Ou até daquele tio “mais tarado”. Acontece que na maioria das vezes o abusador não tem perfil nenhum. “Muita gente chega aqui e me pergunta qual é o perfil do agressor. A resposta? Poderia até ser eu. Sou um médico, um pai exemplar, pago as contas de casa... A verdade é que não existe uma resposta fácil, cheia de itens”, cutuca Jefferson Drezett, também consultor em violência sexual da Coordenação Nacional DST/Aids do Ministério da Saúde.

Pai ou abusador?

O agressor pode ser um cara “normal”, mas que tem um desvio de comportamento, uma visão distorcida da relação familiar ou entre homem e mulher. “É aquele pai que vê a filha chegar da escola, sobe ao quarto dela e vira para a janela sem falar nada, enquanto ela tira a roupa. Depois tem relações com a menina e sai do quarto. Quando ela desce para almoçar, cumprimenta-a como se a estivesse vendo pela primeira vez, pergunta como foi a escola, como está indo a aula de inglês. É como se reassumisse o papel de pai, que fica em suspenso quando ele está no quarto dela”, exemplifica a pesquisadora baiana Marlene Vaz, que estuda a questão há mais de 20 anos.

Isso também só contribui para deixar a cabeça da pessoa abusada mais confusa. “É angustiante desassociar a figura do pai da do agressor. Até porque ele usa a própria família nas ameaças que faz, dizendo, por exemplo, que ela pode separar todo mundo com a verdade”, explica Marlene. Pais e padrastos são maioria entre os agressores.

**Certos crimes não precisam
de retrato falado porque o
rostro é bem familiar.**

Ilustração
feita sobre
Campanha do
Projeto Viver,
do governo
da Bahia



**Características
da família em que
pode estar ocor-
rendo abuso:**

- Cuidado e proteção exagerados com a criança/adolescente.
- Controle rígido sobre as relações sociais.
- Possessividade e ciúme exagerados.
- Proibição de namoro ou desconfiança permanente.
- Acusações de que a adolescente tem comportamento promíscuo ou sedutor.
- Sensação de que há algum "segredo" envolvendo a família.
- Mãe ausente e passiva.
- Álcool ou outras drogas.

**Um gosta mais de criança,
o outro mais de mulher**

Existe, sim, uma diferença entre o pedófilo (que é exclusivista e só gosta de criança) e do chamado agressor circunstancial. O primeiro "tem uma maturidade psicosssexual muito infantilizada e mais do que tudo tem uma compulsividade sexual muito grande", considera o psicólogo Marcelo Newmann, diretor do Crami, ONG que atua no ABC paulista. Ele tem que ser tratado com medicação e por psiquiatra. Muitas vezes, devido a sua compulsão, a única solução para o seu caso é a abstinência sexual.

Já o abusador circunstancial, que pode ser um pai que abusa da filha, por exemplo, é produto de uma cultura que o ensinou a dominar a mulher ou os filhos. Ele tem um desvio de comportamento e com tratamento psicológico pode admitir o fato e resolver certos traumas que o levaram a cometer o abuso.

E o governo nessa?

A QUESTÃO DO ENFRENTAMENTO À VIOLÊNCIA SEXUAL NO BRASIL FOI COLOCADA COMO PRIORIDADE DO GOVERNO LULA.

Na prática, a boa notícia significa que um grupo de trabalho estudou os projetos que já existem nos ministérios para encaixá-los no plano de enfrentamento. Um exemplo básico: o plano Navegar, do Ministério dos Esportes, que ensina jovens a navegar por rios e mares. “Na nossa visão, **O PROJETO TAMBÉM PODE AJUDAR NA RECONSTRUÇÃO DA AUTO-ESTIMA DE UMA VÍTIMA DE ABUSO** e dá novas perspectivas a ela”, explica Claudia Dias, assessora da Secretaria Nacional de Justiça.

Outra conquista do governo é o Programa Sentinela. Agora, por lei, todo município tem um. O de São Paulo é coordenado por Dalka de Oliveira, que também dirige o Centro de Referência Sedes Sapientiae (que faz mais de 100 atendimentos por semana). “O Sentinela atende casos, volta suas ações só para o combate à violência sexual. É um dos programas que mais deram certo na área.”

CORRENDO POR FORA

Se por um lado as ONGs estão correndo por fora, investindo na capacitação de profissionais das áreas de saúde, segurança e educação para identificar casos de abuso, ainda falta força diante da nossa legislação, que colabora pouco para que os processos cheguem até o fim. **UM JULGAMENTO DESSES PODE DEMORAR ATÉ OITO ANOS E MUITAS VEZES É ABANDONADO PELA FAMÍLIA, JÁ DESGASTADA PELAS SEQÜELAS DO ABUSO.** Algumas ações tímidas e locais começam a mudar esse cenário. O Centro de Defesa da Criança e do Adolescente Yves de Roussan (Cedeca) da Bahia incentivou a criação das Varas da Criança e do Adolescente, delegacias especializadas que agilizam muito os processos. “Já temos casos definidos em um ano e meio. Além do advogado, um psicólogo também auxilia a vítima no julgamento e os juízes consideram seu depoimento como prova”, conta a coordenadora da ONG, Hélia Barbosa.



Crianças abusadas sexualmente em casa: aula de computação no orfanato

NÃO EXISTEM NÚMEROS

Esse fenômeno também tem pouca visibilidade pela falta de dados, pois o governo distribui verbas pelas estatísticas mais dramáticas. E nesse caso a questão não são as baixas estatísticas, mas a ausência delas. **“NÃO SABEMOS QUANTOS CASOS DE ABUSO SÃO DENUNCIADOS.** Os números estão espalhados pelas ONGs e delegacias, sem centralização”, atesta Marcelo Newmann, do CRAMI. A solução é apostar em pesquisas de outros países.

No Rio, a Clínica Psicanalítica da Violência também contribui para encurtar o caminho jurídico. **“A IDÉIA É TIRAR OS PROCESSOS DAS VARAS DE FAMÍLIA, ONDE A QUESTÃO DA GUARDA DA VÍTIMA OU UMA BRIGA DOS PAIS COMPLICAM E PROTELAM A DECISÃO”**, explica a advogada Jacy Teixeira. A Clínica é responsável pela formulação dessa proposta, que pode, em breve, virar lei.

Sexo, violência e arte

Levantando a bandeira para combater o abuso ou como retrato da realidade, a arte faz seu papel.

CINEMA



Felicidade
(1998) – Direção: Todd Solondz, com Philip Seymour Hoffman e Lara Flynn Boyle

A produção americana retrata os abusos cometidos por um médico pedófilo, que dá soníferos e estupra o amigo do filho.



Festa de Família
(1998) – Direção: Thomas Vinterberg, com Ulrich Thomsen e Henning Moritzen

Numa festa da família, o filho mais velho denuncia o pai, que abusou dele e da irmã, que acaba se matando.



Zona de Conflito
(1999) – Direção: Tim Roth, com Colin Farrell e Tilda Swinton

Neste filme inglês, uma adolescente de classe média é abusada pelo pai durante anos.



Bela da Tarde
(1967) – Direção: Luis Buñuel, com Catherine Deneuve

História de uma mulher que tem distúrbios na sexualidade, aparentemente por ter sofrido abuso sexual na infância.



Marcas do Silêncio
(1996) – Direção: Angelica Huston, com Jennifer Jason Leigh e Christina Ricci

A produção americana mostra uma cena bem chocante de estupro infantil.



Garotas Selvagens
(1998) – Direção: John McNaughton

O filme dá muitas voltas, mas começa quando um professor é acusado de abusar sexualmente de duas alunas.



Magnólia
(1999) – Direção: de P.T. Andersen, com Julianne Moore e Tom Cruise

Um apresentador de TV, que só tem dois meses de vida, tenta se reaproximar da filha, que acusa o pai de abuso sexual.



A Má Educação
Direção: Pedro Almodóvar

EM PRÉ-PRODUÇÃO. “O abuso sexual dos menores era a coisa mais normal no meu colégio”, diz o diretor.

LITERATURA



Paranóia, de Carlos Heitor Cony – Em uma passagem, um assaltante pedófilo acaba abusando sexualmente de um garoto.



Lolita, de Wladimir Nabokov – O clássico do escritor russo acabou virando símbolo máximo da pedofilia na literatura. Na história, uma menina seduz o marido da mãe, que leva o caso adiante.



Amadora, de Ana Ferreira – O livro da escritora brasileira conta vários casos sexuais. Em um deles ela relata a vez em que, ainda adolescente, foi abusada por um cara que lhe deu carona.



O Ateneu, de Raul Pompéia – A situação de abuso não é explícita, mas permeia o romance todo. Fala muito de relações não-consensuais.

A cura pela arte

É muito comum pessoas que sofreram abuso acabar desenvolvendo algum dom artístico. Música, poesia, pintura etc. são caminhos para liberar os traumas vividos. “Crianças e adolescentes que foram abusadas têm uma necessidade muito grande de sublimar isso por uma via artística. Sublimar essa sexualidade, que foi extremamente estimulada e mal acomodada corporalmente, já que muitas ainda não tinham estrutura psíquica, nem corporal para manter uma relação sexual com um adulto”, explica Graça Pizá, diretora da Clínica Psicanalítica da Violência, no Rio de Janeiro.

As histórias dos artistas

No Brasil ainda são poucos, mas pelo mundo eles já fizeram músicas sobre o tema e até assumiram que foram abusados, e outros acusados de pedofilia na internet...



“...A lembrança do silêncio daquelas tardes
A vergonha do espelho naquelas marcas
Havia algo de insano naqueles olhos,
olhos insanos
Os olhos que passavam o dia a me vigiar,
a me vigiar
Camila, Camila (...)
E eu que tinha apenas 17 anos
Baixava minha cabeça pra tudo
Era assim que as coisas aconteciam
Era assim que eu via tudo acontecer”

“A música (Camila, Camila do disco Nenhum de Nós) veio de uma história real de uma menina que a gente conhecia na época (1985). Ela estava passando por uma situação de abuso e violência com o namorado. Mas nosso discurso é subliminar e por isso não é pesado. Acho importante num país como o Brasil fazer músicas desse tipo. Aqui é mais confortável fazer letras que estimulem o sexismo ou utilizem a violência como ingrediente. Na real, acho que ninguém fala de abuso porque não vende. A questão está no que cada um acredita e quer.”

THEDY CORRÊA, VOCALISTA DO NENHUM DE NÓS



SANTANA

O guitarrista resolveu falar abertamente sobre o abuso que sofreu na infância. “Muitas pessoas

precisam entender que não estão sozinhas.

EU TINHA RAIVA, VERGONHA E AGORA QUE FALEI SOBRE ISSO ESTOU LIVRE, não é mais uma coisa que carrego comigo.”



KORN

A música Pretty, do álbum Follow the Leader, fala sobre uma jovem vítima de incesto. Em Kill You, do disco Life is Peachy, Jonathan Davis fala sobre a madrasta, que o molestava direto. **A MÚSICA DADDY, do disco Korn, PARECE TRATAR DE UM ABUSO SOFRIDO POR ELE, MAS NA VERDADE, SEGUNDO DAVIS, É A HISTÓRIA DE OUTRA PESSOA.**

SILVERCHAIR NOBODY CAME, do álbum Freak Show, é um protesto da banda e fala sobre abuso sexual.



MADONNA

Na Biografia Não-Autorizada de Madonna, o autor Christopher Andersen conta que, ao gravar uma cena de estupro no filme Um Certo Sacrifício, foi superparabenizada pela veracidade. **“JÁ PASSEI POR ESSA SITUAÇÃO NA VIDA REAL”,** disse Madonna. Ela teria sido estuprada por um homem bem mais velho, no porão de um restaurante de Nova York, quando era só uma menina anônima.

ROBERT DEL NAJA, do Massive Attack **O VOCALISTA FOI PRESO POR SUSPEITA DE PEDOFILIA NA INTERNET** em fevereiro. Negou tudo e acabou liberado por falta de provas.

PETE TOWNSHEND, do The Who Recentemente foi apanhado por pagar conteúdos pedófilos na internet. Acabou confessando ter sido **VIOLENTADO EM CRIANÇA PELA SUA AVÓ, DOENTE MENTAL.**



PITTY
**"OLHA, ISSO ATÉ
 JÁ ROLOU COMIGO.**

Eu era criança e uma empregada que trabalhou em casa me fazia ir pro banheiro com ela, falava pra eu tirar a roupa e até me incentivava a tocar nela. Eu era tão pequena que não entendia o que rolava. Conte pra minha mãe, que obviamente a demitiu. Acho importante que os pais conversem com os filhos e eles tenham abertura pra discutir tudo que quiserem."



**OZZY
 OSBOURNE**
 O abuso de crianças
 é o **TEMA DE MR.
 TINKERTRAIN,**

música do álbum No More Tears .

MARYLIN MASON

Confessou ter sido vítima de abuso sexual por parte de um vizinho quando tinha 8 anos. Também diz odiar o avô, que, segundo ele, era um pervertido sexual. **"MINHA INFÂNCIA FOI UMA MERDA, ESTAVA SEMPRE FUGINDO DE ALGO E DE ALGUÉM. MINHA ÚNICA FUGA ERA O HEAVY METAL."**



AEROSMITH
 A canção **JANIE'S
 GOT A GUN,** do CD
 Pump, fala sobre
 abuso intrafamiliar.

CRANBERRIES A música Fee Fi Fo, em Bury The Hatchet, relata **HISTÓRIAS DE ABUSO CONTRA CRIANÇAS** e dá vazão aos protestos do grupo.

ENQUETE

Se você fosse vítima de abuso sexual e o agressor fosse alguém de sua família (como seu pai, tio ou alguém bem próximo), o que você faria?

81%

CONTARIA PARA TODO MUNDO, MESMO QUE ISSO PUDESSE SEPARAR A FAMÍLIA E GERAR UMA CRISE

09%

CONTARIA SÓ PARA OS SEUS AMIGOS

10%

NÃO FALARIA NADA COM MEDO DE CRIAR UM PROBLEMA FAMILIAR AINDA MAIOR

600 PESSOAS RESPONDERAM A NOSSA ENQUETE

**AS ESTATÍSTICAS
 MOSTRAM QUE NA REAL
 AS COISAS NÃO
 SÃO BEM ASSIM.**

**DE CADA 10 PESSOAS
 ABUSADAS, NO MÁXIMO**

1 ABRE O JOGO. MAS

TALVEZ ESTA NOSSA

PESQUISA SIRVA PARA

MOSTRAR QUE NO FUNDO

TODO MUNDO QUER UMA

REALIDADE DIFERENTE.

ENTÃO VAMOS LÁ: QUEM

SABE, TRAZENDO O

ASSUNTO MAIS

À TONA, A GENTE ACABE

COM O MEDO

E O PRECONCEITO. ■

